

**Intervenção do Primeiro-Ministro na inauguração
do Memorial em Homenagem aos Presos Políticos
do Estado Novo na Fortaleza de Peniche**

25 de Abril de 2019

Senhora Ministra da Cultura,

Senhor Secretário-Geral do PCP, Jerónimo de Sousa,

Senhora Coordenadora do Bloco de Esquerda, Catarina
Martins,

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Peniche, Henrique
Bertino,

Meu Caro Domingos Abrantes,

Antigos Presos Políticos e Familiares,

Caros Membros da Comissão Instaladora do Museu Nacional
da Resistência e da Liberdade,

Era uma quinta-feira como hoje. A esta mesma hora, naquele dia 25 de Abril de há 45 anos, o destino da Revolução estava decidido. Por volta das sete e meia da tarde, o ditador abandonava, no chaimite Bula, o Quartel do Carmo, onde passara o dia, e a ditadura terminava. No Largo do Carmo, a multidão com os olhos tensos de emoção, de ansiedade e depois de júbilo, dava a cada minuto que passava uma duração infinita.

Cerca de uma hora antes, fora redigido, para entrar imediatamente em vigor, o decreto-lei 171/74 que extinguiu a Direcção-Geral de Segurança (nome que Marcello Caetano dera à PIDE), a Legião Portuguesa, a Mocidade Portuguesa e a Mocidade Portuguesa Feminina.

Aqui, na Fortaleza de Peniche, os últimos presos políticos da ditadura não podiam ter consciência, a não ser, tenuemente,

por algumas movimentações pressentidas ou alguns sinais decifrados, que o caminho para a liberdade, a deles e a de Portugal, estava, naquele dia, a ser feito vertiginosamente e era irreversível. Estes presos ainda aqui passaram essa primeira noite da nossa liberdade; e o dia seguinte; e muitas, muitas intermináveis horas, até que finalmente foram libertados ao princípio da noite de 27 de Abril. As paredes que vemos separavam-nos do mundo e, nelas, ficou inscrita para sempre uma memória de sacrifício, de solidão e de sofrimento. E também de abnegação, de resistência e de coragem. Aqui, a consistência da coragem era tragicamente medida pela densidade da dor.

Enquanto, pesada e penosamente, o tempo passava, as mulheres e os homens que neste lugar sinistro estavam presos resistiam intrepidamente e talvez fizessem a pergunta fundamental de um famoso conto da escritora - e fundadora da Comissão Nacional de Apoio aos Presos Políticos - Sophia

de Mello Breyner Andresen: “Que pode crescer dentro do tempo senão a justiça?”.

É a esse combate contra a ditadura e ao seu heroísmo que prestamos tributo, perpetuando-o neste Memorial que entregamos às gerações futuras.

Os 2510 nomes aqui gravados, entre os quais estão os de duas mulheres, foram clarões no escuro e gritos no silêncio que aqui permanecerão para sempre como testemunhas de acusação da ditadura e heróis da luta contra ela. Como diz António Borges Coelho: “Nomeai um a um todos os nomes. /Lutaram e resistiram, /A liberdade guarda a sua memória nas muralhas desta fortaleza”.

Comemorar a Revolução dos Cravos jamais poderá ser um ato de esquecimento ou desatenção. Em nome do futuro que é - e

será sempre- o grande desígnio do 25 de Abril, não poderemos nunca esquecer o passado que foi o fundamento, a raiz e mesmo a condição desse futuro.

O passado que evocamos fez-se de convicção e coragem, de dedicação e dignidade, de resistência e vontade. As mulheres e os homens que o construíram deram tudo de si nesse duríssimo e valioso combate desigual.

Para libertar Portugal de uma ditadura que parecia nunca mais acabar, sacrificaram família, bem-estar, posição, segurança, património, dinheiro, liberdade e, nalguns casos, até a vida. Foram, no mais nobre sentido da palavra, grandes figuras morais. Humilhados, censurados, perseguidos, presos, exilados, deportados, ameaçados, torturados, clandestinos, postos permanentemente em perigo, não desistiam nem desertavam.

Enfrentaram todas as lutas e todas adversidades delas com uma força, uma firmeza, um idealismo e um sentido de dever que se ergueu - que os ergueu- acima dos egoísmos individuais, dos cálculos imediatos, ou das conveniências pessoais. Lutaram contra a opressão, servindo o Povo e a Pátria com esforço constante e dedicação integral.

Eles foram verdadeiros e sacrificados patriotas – ao contrário, e em contraste, com aqueles que enchiam a boca com a retórica de um patriotismo que era uma farsa para justificar a tirania e a cegueira dela.

Resistentes e combatentes, têm direito à nossa gratidão e à nossa homenagem, à nossa admiração e à nossa memória. E nós temos o dever de lhas dar, reiteradamente,

renovadamente. As suas vidas foram exemplares e são-nos exemplo.

Este Memorial ficará aqui como testemunho e sinal do nosso reconhecimento por todos os que construíram, com sangue, suor e lágrimas, os fundamentos e os alicerces do nosso edifício democrático.

Neste momento em que os evocamos, é como se olhássemos os seus rostos dilacerados pela tortura do sono e pela brutalidade dos interrogatórios, mas cheios de uma dignidade que nem as mais vis agressões abalavam.

É como se escutássemos as suas vozes cercadas pelo silêncio com que não concediam sequer uma palavra ao carcereiro ou ao torturador da PIDE.

É ainda como se víssemos o desassombro, o destemor e a audácia com que desafiaram – e humilharam - a ditadura com inimagináveis fugas que foram autênticas epopeias a demonstrar que, quando uma vontade inteligente e tenaz se ergue, até as máquinas mais poderosamente repressivas podem ser vencidas.

Por tudo isso, lembrá-los hoje não é apenas falar do passado - é sobretudo falar do futuro. Porque eles são, e serão sempre, um exemplo a inspirar-nos nos nossos combates e a responsabilizar-nos nos nossos princípios.

Incitam-nos a ser mais exigentes e mais vigilantes, mais coerentes e mais consequentes. Assim, este Memorial que hoje inauguramos é o símbolo justo da nossa homenagem, mas há nele também a mensagem indeclinável da nossa responsabilidade e da nossa fidelidade a ela.

Foi nesses grandes exemplos de luta e de insubmissão que também se inspirou e se firmou a audaciosa acção dos jovens capitães que fizeram a nossa Revolução e a quem, cumprindo gratamente um dever de justiça e de gratidão, quero prestar homenagem, neste dia que é deles e, graças a eles, de todos nós.

A presença dos Capitães de Abril neste acto associa o que é inseparável. A resistência e a persistência daqueles que, ao longo de meio século, aqui, no Tarrafal, no Aljube, em Caxias, pagaram por todos nós o elevado preço do combate pela liberdade, sonhando-a sempre, ligam-se à ousadia daqueles que, em 25 de Abril de 1974, tornaram esse sonho realidade e alegria, prodígio e esperança.

Quero, neste momento, saudar, com emoção, respeito e amizade, Domingos Abrantes, que, com legitimidade própria, falou em nome dos presos políticos que aqui estiveram, militantes de forças políticas diversas, a grande maioria seus camaradas, militantes e dirigentes do Partido Comunista Português. Tendo passado onze anos da sua vida em várias cadeias, Domingos Abrantes esteve oito anos na Fortaleza de Peniche, onde casou com Conceição Matos, também ela grande resistente anti-fascista, para que assim a mulher o pudesse visitar.

Saúdo todos os antigos presos políticos aqui presentes e as famílias dos já desaparecidos. Saúdo os advogados que os defenderam corajosamente ou as famílias que os representam.

O vosso combate e o vosso sacrifício não foram em vão e a semente que lançaram à terra continua a frutificar na árvore

da Liberdade, para usar a bela imagem com que a pintora Maria Helena Vieira da Silva simbolizou o 25 de Abril e a Democracia, no cartaz que, em 1984, criou para celebrar os 10 anos da nossa Revolução, e que está patente na tão emocionante e pedagógica exposição “ Por Teu Livre Pensamento”, que acabámos de visitar.

O Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, concebido e realizado com grande rigor historiográfico e adequada conceção museológica, será uma escola aberta e dinâmica de cidadania e de futuro.

Convido todos os portugueses, e em especial os jovens, a virem a Peniche conhecer uma história de que somos herdeiros, devedores e beneficiários. Esta história é um dos momentos altos da história milenar e universal da luta da Humanidade pela Liberdade e pela Dignidade.

Se me é permitido uma nota pessoal, direi que foi no conhecimento, que me transmitiram familiares e amigos, destes exemplos de idealismo, tenacidade e valentia que, desde muito jovem, aprendi que o combate pela Liberdade e pela Justiça tem de ser contínuo e renovado, passando de geração em geração como um testemunho, pois tem sempre em cada tempo novas respostas e novas exigências perante novos desafios, novas ameaças e novas urgências.

O 25 de Abril, feito pela coragem lúcida de tantos militares jovens, é uma data fundamental da nossa modernidade política, cívica e cultural. O seu objetivo foi o de derrubar um regime anacrónico, obsoleto, estagnado, fechado e isolado do tempo do mundo. Foi o de tornar Portugal contemporâneo.

Devemos ter isto sempre presente, sabendo comemorar a data fundadora do nosso regime com esse espírito jovem e essa inspiradora vontade de renovação que estão para sempre inscritos n' "O dia inicial, inteiro e limpo/ Onde emergimos da noute e do silêncio/ E livres habitamos a substância do tempo", de que falou Sophia. Este espírito originário de ousadia jovem e pioneirismo inspira - e deve continuar a inspirar - este Memorial e este Museu que está a nascer, nas suas ações e programas.

Por tudo isto, quero louvar e agradecer calorosamente à Comissão de Instalação do Museu e ao Comité Executivo a sua dedicação a este projeto. No trabalho que fizeram aliaram a alta qualidade intelectual à devotada militância cívica.

Manifesto o meu vivo reconhecimento ao anterior ministro da Cultura, embaixador Luís Filipe Castro Mendes, e à atual

ministra Graça Fonseca, pelo empenhamento que, em nome do governo, puseram neste projeto e na sua realização.

Agradeço à Direcção-Geral do Património, na pessoa da arquiteta Paula Silva, o modo competente e diligente como tem pilotado este projeto.

Agradeço à Câmara Municipal de Peniche e ao seu Presidente Henrique Bertino a energia e o entusiasmo cívico. Se este é um projeto nacional, e até mesmo internacional, é um projeto localmente enraizado. Ao sê-lo, ecoa, reflete e reitera a ligação solidária da população de Peniche aos presos políticos desta Fortaleza e a sua participação na Resistência, bem documentadas nesta exposição.

Agradeço vivamente a todos os que conceberam, projetaram, concretizaram, participaram e fizeram seu este projeto trabalhando nele com tenacidade, esforço e competência.

Caras e Caros Amigos,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Ao inaugurarmos este Memorial e o que ele representa, são os valores, os princípios, as causas e os ideais da Liberdade e do 25 de Abril que queremos tornar presentes, renovando-os e atualizando-os.

Num mundo cheio de perigos e de ameaças, e numa Europa que tantas vezes arrisca negar-se a si-mesma, precisamos, mais do que nunca, de afirmar, fomentar, partilhar, divulgar e disseminar - pedagogicamente, civicamente, militantemente - os grandes princípios e ideais da Democracia, que são éticos, políticos, culturais, económicos e sociais, tornando-os vivos, presentes e ativos. O tempo interpela-nos, individual e coletivamente! É de ação, de responsabilidade e de

15

responsabilização - não é de indiferença, desistência e passividade.

É imperioso que digamos alto e bom som que a liberdade e a democracia, a justiça social e a igualdade de oportunidades, o desenvolvimento e o progresso ao serviço de todos, a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a defesa do ambiente e a paz devem ser plenamente assumidos como objetivos permanentes, fundamentais e exigentes. A alternativa a eles seria a barbárie, o populismo, o retrocesso, o ódio, a exclusão, a injustiça, a pobreza, a violência, a destruição, a crise e a guerra. Sem exageros apocalípticos, mas também sem ilusões ingénuas, é contra isso que temos, incansavelmente, de agir e de lutar.

Quero, em nome do governo de Portugal, afirmar-vos que a defesa destes ideais e a persistência nestes objetivos é a nossa

preocupação e o nosso compromisso, a nossa fidelidade e o nosso combate.

Todos juntos, aprendamos com as lições da História e continuemos a lutar por um Portugal mais justo, por uma Europa de liberdade e de progresso, e por um mundo melhor.

Viva a Memória da Resistência!

Viva o 25 de Abril!

Viva a Liberdade!

Viva a Democracia!

Viva a República!

Viva Portugal!